CRISE DIPLOMÁTICA

Secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio, braço direito do presidente Donald Trump, afirma que não houve facilitação por autoridades norte-americanas na fuga do congressista brasileiro, que deixou o Brasil após perder as eleições

Rubio nega que EUA tenha ajudado Flávio

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA
» RENATO SOUZA

Cinco dias após a fuga do senador Flávio Bolsonaro para os Estados Unidos e em meio a suspeitas de envolvimento de autoridades norte-americanas no caso, o secretário de Estado do país, Marco Rubio, negou que o governo de Donald Trump tenha envolvimento com a situação.

Em uma coletiva de imprensa em Atlanta, Rubio disse que nada foi facilitado para que o congressista brasileiro deixasse o país para fugir de uma ordem do Supremo Tribunal Federal (STF). O parlamentar deixou o território nacional após ter sido derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva (PT), nas últimas eleições presidenciais.

"Não facilitamos nada. Ouvimos que ele chegaria nos Estados Unidos, ele tinha um visto, e o presidente Donald Trump decidiu permitir a entrada dele. (...) Não estamos envolvidos em nenhum dos arranjos que ele fez em termos de sair do país. O governo dos Estados Unidos não está envolvido diretamente em nenhum dos movimentos que ele fez", disse Rubio, em fala a jornalistas, em Atlanta, nos Estados Unidos.

> **Não facilitamos nada. Ouvimos que ele chegaria nos Estados Unidos, ele tinha um visto. Não estamos envolvidos em nenhum dos arranjos que ele fez em termos de sair do país."**
>
> ***Marco Rubio,*** *secretário de Estado dos EUA*

Uma possível facilitação dos Estados Unidos na fuga de Flávio Bolsonaro é motivo de pressão contra o governo do país por parte de parlamentares norte-americanos. Nesta semana, um grupo de congressistas enviou uma carta a Marco Rubio com exigências de explicações sobre envolvimento dos EUA nesse movimento do filho do ex-presidente Jair Bolsonaro. A polêmica ocorre dias antes das eleições de meio de mandato, quando todas as cadeiras da Câmara podem ser trocadas, assim como um terço do Senado.

A expectativa é de que os democratas, que se opõem ao governo Trump, consigam maioria na Câmara e um crescimento relevante no Senado. Se o cenário se confirmar, como apontam pesquisas, os parlamentares podem abrir uma investigação para apurar se o Executivo concedeu algum tipo de privilégio ou ajuda ao senador brasileiro. O Congresso não pode obrigar uma deportação, mas pode gerar pressão para que a Casa Branca mude a conduta em relação ao caso. Embora a chance seja remota, se tiver a autorização de residência no país revogada, Flávio poderia ser devolvido ao Brasil.

Marco Rúbio se encontrou brevemente com o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, na sexta-feira. Eles conversaram brevemente e combinaram de se encontrar novamente na cúpula do G7, na França, para discutir assuntos bilaterais. Ontem, Rubio confirmou que a reunião ocorrerá no país europeu.

Redes Sociais



Secretário Marco Rubio disse que o governo norte-americano não facilitou "em nada" saída de Flávio do Brasil pela Argentina

Fuga do país

Flávio estava proibido de deixar o país, uma vez que o ministro Alexandre de Moraes, do STF, determinou a apreensão de todos os passaportes brasileiros e de outras nacionalidades, com em inquérito que investiga suposta lavagem de dinheiro de Flávio Bolsonaro e do advogado Willer Tomaz. Ele também tem cidadania italiana e deixou o Brasil por meio do território argentino, onde pegou um voo rumo os Estados Unidos.

A alegação de que os Estados Unidos intermediaram a ida de Flávio aos Estados Unidos foi apontada em investigações do jornal *The New York Times* (NYT), que apontou Jason Miller, um funcionário da Casa Branca, como figura responsável por providenciar um avião particular para que o senador e sua família chegassem ao país norte-americano.

O senador derrotado nas eleições presidenciais justificou sua fuga aos Estados Unidos com o argumento de que Alexandre de Moraes, ao determinar apreensão de seu passaporte e proibí-lo de deixar o país, o perseguia politicamente. Em live realizada na sexta-feira (30), Flávio contou ter repercutido com seu pai, Jair Bolsonaro, a decisão de Moraes. "Já sabe onde é que eles querem chegar com isso, né?", teria perguntado Jair Bolsonaro a Flávio, segundo o relato do senador, que relatou ter retornado para sua casa, em Brasília, para decidir com sua esposa, Fernanda Bolsonaro, em prol da fuga do país.

O jornal argentino *Clarín* afirmou que houve a contratação de quatro jatos privados para a fuga, com a finalidade de despistar as autoridades. O piloto de um dos aviões teria se recusado a viajar de Brasília até a fronteira com o país vizinho, ao saber da ordem do STF. Com isso, o trajeto foi feito de carro.

Fuga para Miami deixa vácuo na oposição

» ARMANDO HOLANDA

A derrota do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) para o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), seguida de sua saída do Brasil rumo aos Estados Unidos, abriu uma disputa pelo comando da oposição a partir de 2027. Com o primogênito do ex-presidente Jair Bolsonaro distante do Congresso e às voltas com investigações, lideranças da direita já se movimentam para ocupar o espaço deixado pelo parlamentar. Nas articulações, três nomes ganham destaque: o governador reeleito de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), a ex-primeira-dama e senadora eleita Michelle Bolsonaro (PL-DF) e a deputada federal Bia Kicis (PL-DF), também eleita ao Senado. A sucessão, porém, está longe de ser consensual.

O principal desafio será conciliar a influência política de Jair Bolsonaro sobre o eleitorado conservador com a necessidade de construir uma oposição capaz de ampliar sua interlocução para além do núcleo mais fiel ao ex-presidente. A fuga de Flávio, em meio às medidas cautelares determinadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF), acrescentou um novo componente à equação: o desgaste provocado pela decisão do candidato derrotado de deixar o país, enquanto seus aliados precisam reorganizar a atuação política em Brasília.

Entre os nomes cotados, membros da oposição apontam que Tarcísio reúne as melhores condições para assumir uma posição de liderança nacional. Governador do maior colégio eleitoral do país, o ex-ministro de Jair Bolsonaro mantém interlocução com setores empresariais, partidos de centro-direita e integrantes do bolsonarismo. Sua principal vantagem está na capacidade de transitar entre diferentes grupos políticos, sem depender exclusivamente da retórica de confronto com o Supremo. O movimento, contudo, exige cautela para não ser interpretado pelos aliados mais ideológicos como um rompimento com o antigo padrinho político.

Ed Alves/CB/D.A Press



Tarcísio de Freitas está entre os mais cotados para assumir a liderança nacional da direita, mas evita romper com os Bolsonaro

Ao comentar o pleito, Tarcísio reconheceu o resultado das urnas e não adotou o discurso de Flávio e seus aliados mais próximos. "Entendo o sentimento do Flávio, sua indignação e revolta. Esse sentimento é o de muitos brasileiros também. Mas o caminho é respeitar o resultado das urnas e seguir em frente", declarou em vídeo nas redes sociais.

Michelle Bolsonaro aparece como alternativa para preservar a identidade do movimento. Com influência sobre o eleitorado evangélico e participação ativa nas campanhas do PL, a ex-primeira-dama representa uma possibilidade de manter o sobrenome Bolsonaro no centro da oposição. Seu desafio será transformar a popularidade entre os conservadores em capacidade efetiva de articulação política. A relação com diferentes alas do partido e a disputa pelo espólio eleitoral do marido também devem pesar nas definições.

Também no Congresso, Bia Kicis surge como um dos nomes capazes de vocalizar a oposição mais combativa. Aliada histórica de Jair Bolsonaro, a parlamentar tem trânsito entre deputados conservadores e experiência na articulação de pautas caras ao bolsonarismo, especialmente aquelas relacionadas ao Judiciário. Diferentemente de Tarcísio, sua força está menos na possibilidade de construir uma alternativa eleitoral de alcance nacional e mais na capacidade de organizar a resistência ao governo Lula dentro da Câmara.

Disputa nos bastidores

A reorganização também passa pelos dirigentes partidários e por parlamentares que, embora não apareçam, necessariamente, como candidatos ao comando da oposição, terão influência sobre os próximos movimentos. O presidente do PL, Valdemar Costa Neto, permanece como peça importante na distribuição de espaços e na definição das estratégias da legenda. Já lideranças como Nikolas Ferreira (PL-MG) e outros representantes da ala mais ideológica podem funcionar como instrumentos de mobilização nas redes sociais e nas ruas.

Há, ainda, uma diferença entre herdar os votos de Flávio e assumir o comando político da oposição. Enquanto Tarcísio pode concentrar o diálogo com governadores e setores econômicos, Michelle tende a disputar a representação simbólica do bolsonarismo. Bia Kicis, por sua vez, tem condições de ocupar a linha de frente parlamentar. A divisão de tarefas pode evitar um confronto imediato, mas não elimina a competição por influência, recursos partidários e protagonismo nas eleições seguintes.

O próprio Flávio, apesar da distância, não deve ser descartado das articulações. Nos Estados Unidos, o senador pode tentar preservar influência sobre a militância e manter interlocução com aliados do presidente Donald Trump, repetindo parte da estratégia adotada pelo irmão Eduardo Bolsonaro. A possibilidade de comandar a oposição a partir do exterior, entretanto, esbarra nas dificuldades políticas e jurídicas decorrentes de sua saída do país e na resistência de setores da direita a prolongar uma crise que pode comprometer os planos para 2027.

O resultado é uma oposição que inicia sua reorganização sem um sucessor natural. A direita terá de decidir se aposta na continuidade do confronto institucional, na construção de uma alternativa mais pragmática ou numa composição entre essas duas estratégias. Com Flávio fora do tabuleiro presencial, a disputa pelo espaço político deixado pelo senador promete expor as diferenças de um campo que conseguiu se unir nas urnas, mas terá de encontrar uma nova liderança capaz de enfrentar o quarto mandato do presidente Lula.